



EDITORIAL

Por ocasião da deslocação a Lisboa do Coro do Grupo Dóci Papiacám di Macau a convite da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas por ocasião do encerramento do Plenário do Conselho das Comunidades Portuguesas, decidimos dedicar este número da Newsletter ao Patuá de Macau. Este dialecto antigo de Macau encontra-se em vias de extinção, mas a força e dinamismo de muitos macaenses tem vindo a lutar pela sua preservação e divulgação quer em Macau, quer em Portugal, bem como nas diversas comunidades de macaenses espalhadas pelo mundo.

Assim agradecemos ao Dr. Miguel Senna Fernandes, residente em Macau e co-fundador do referido grupo, o seu magnífico artigo de opinião inserido neste número, e também os depoimentos do Dr. Carlos Piteira, Presidente da Casa de Macau de Lisboa, do Dr. Joaquim Ng Pereira, que tem lecionado vários cursos de patuá em Lisboa, nomeadamente no CCCM, e do Dr. Miguel Silva também membro dos corpos sociais da Casa de Macau de Lisboa e cuja família usava o Patuá como língua do dia a dia.

Continuando com o tema do 130º aniversário da inauguração do Liceu de Macau, iniciado na última edição da Newsletter, contamos nesta edição com vários testemunhos de professores que lecionaram no Liceu de Macau.

Divulgamos ainda que no próximo dia 10 de outubro terá lugar no CCCM, em Lisboa, uma merecida homenagem ao Dr. António Aresta que tem sido um reconhecido divulgador e investigador da história cultural de Macau.

Também queremos felicitar a Dra. Celina Veiga de Oliveira e o ex-jornalista da TDM João Guedes pelo Prémio Identidade de 2023 que lhes foi atribuído pelo IIM.

Nestes últimos meses do ano vamos centrar as nossas actividades na preparação das comemorações que iremos promover por ocasião dos 25 anos da criação da Fundação Jorge Álvares, no próximo dia 14 de dezembro, e dos 25 anos da transição de Macau para a China, no próximo dia 19 de dezembro.

Maria Celeste Hagatong
Presidente da Fundação Jorge Álvares

NOTÍCIAS E DESTAQUES

Ainda os 130 anos da inauguração do Liceu de Macau



Tal como anunciado na newsletter anterior, do mês de setembro, dado o interesse que acreditamos ter suscitado entre os intervenientes e participantes da história deste carismático estabelecimento de ensino de Macau – professores, alunos, funcionários, etc., e seus descendentes - retomamos o tema nesta edição, incluindo depoimentos de três antigos professores do Liceu de Macau.

Relembramos apenas que o Liceu foi criado em 1893, por Carta de Lei com a assinatura do Rei D. Carlos e inaugurado em setembro do ano seguinte ao tempo do governador Horta e Costa. Constituiu o exemplo mais acabado e de sucesso dos estabelecimentos de ensino oficial português no Oriente, e viu por ele passar várias gerações de alunos, maioritariamente macaenses mas também filhos de pais da metrópole destacados para Macau em serviço público ou por motivos de outra índole. Funcionou sem interrupções até 1999, ano da transferência da administração portuguesa de Macau para a República Popular da China, após a entrada em funcionamento, no ano anterior, da atual Escola Portuguesa de Macau.

Depoimentos de três antigos professores



Jorge A. H. Rangel, *Presidente do Instituto Internacional de Macau, Curador e Presidente do Conselho Consultivo da Fundação Jorge Álvares, professor de Português no ano letivo 1975/76 e coordenador do curso de Jornalismo no final da década de 70*

Correspondendo prontamente ao simpático convite que me foi endereçado, aqui deixo um depoimento pessoal sobre dois momentos em que exerci a docência no Liceu Nacional Infante D. Henrique, em Macau, prestigiada escola onde fiz todo o ensino secundário, ali obtendo sólida e abrangente formação para iniciar os estudos superiores em Portugal, que tiveram continuidade em várias universidades estrangeiras ainda na década de sessenta do século passado.

Fiz o serviço militar em São Miguel (Açores) e na então Guiné Portuguesa, onde comandi uma companhia de Infantaria em zonas operacionais, como Capitão, e desempenhei depois funções civis junto dos dois últimos Governadores e Comandantes-Chefes, dirigindo, entre outras responsabilidades que me foram confiadas, os serviços de comunicação social e o maior estabelecimento de ensino de Bissau, a então Escola Marechal Carmona, que tinha alguns milhares de alunos e funcionava por turnos, das 7 às 23 horas, para se tirar o máximo proveito das instalações e corresponder à crescente procura, num tempo em que se deu um enorme impulso ao desenvolvimento da Educação naquele território. Dirigi, simultaneamente, a nova Escola Preparatória da Ajuda, construída perto do aeroporto de Bissau.

Exerci depois funções docentes em Lisboa e preparava-me para iniciar a carreira académica numa universidade quando me desloquei a Macau, minha terra natal, no Verão de 1975, para visitar a família, oriunda de Portugal, com ligações a Goa, Alemanha e Xangai e que tem ali uma permanência continuada de onze gerações. Depois das vicissitudes da descolonização, que alteraram a vida de muitos portugueses, senti ali o apelo do regresso, que se concretizou no início do ano lectivo, para tomar posse do honroso cargo de professor no meu velho Liceu, instituição então já centenária que contou, desde o início, com o envolvimento marcante de ilustres mestres que lhe deram conteúdo, qualidade e consequência.

Ali permaneci, porém, apenas durante o primeiro período do ano lectivo de 1975/76, por ter sido desafiado pelo Governador Garcia Leandro para trabalhar junto dele, a partir de Janeiro de 1976, como director do então Centro de Informação e Turismo (CIT), estrutura responsável pela área da Comunicação Social no Governo de Macau, idêntica a outros organismos existentes em todo o Ultramar Português. O CIT, com a autonomia que o novo Estatuto Orgânico de Macau conferiu ao território, foi depois convertido em Direcção dos Serviços de Turismo e Comunicação Social, que continuei a dirigir no mandato do Governador Melo Egídio (1979-81), antes de integrar a equipa governativa do Contra-Almirante Vasco de Almeida e Costa (1981-86), com a tutela das áreas da Educação, Cultura e Turismo.

Nesse curto período, de Outubro a Dezembro de 1975, reencontrei antigos colegas e amigos, alguns dos quais também exerciam a docência no Liceu, o que facilitou a minha rápida integração, sem olvidar as utilíssimas experiências docentes e de gestão escolar obtidas em Bissau e em Lisboa. Era um tempo de muitas incertezas sobre o futuro, na sequência da revolução de Abril em Portugal, sobretudo quando foram anunciadas as independências dos territórios ultramarinos portugueses. Por outro lado, o gigante vizinho chinês estava a chegar ao fim da iníqua “revolução cultural” e em vésperas de iniciar a sua surpreendente abertura com um novo e esclarecido timoneiro.

O jovem Governador Garcia Leandro teve um papel fulcral na manutenção da tranquilidade e em assegurar, com sagesa e determinação, a continuidade e o desenvolvimento com a maior estabilidade possível. E o Liceu, a que estavam ligadas muitas das mais destacadas e influentes famílias de Macau, era visto como um instrumento importante para a realização dos propósitos almejados. Ainda não havia ensino superior no território e o Liceu era tido, pela comunidade e pelo Governo, como o mais importante estabelecimento de ensino, entre dezenas de outras escolas de língua veicular portuguesa e chinesa, que garantiam a toda a população uma escolaridade completa, do pré-primário ao fim do secundário.

Dos alunos, guardei as melhores recordações. Sendo ainda solteiro, tive uma grande disponibilidade para estar com eles, conversar com muitos sobre os mais variados assuntos e despertar neles o interesse pela cultura, pela leitura, pelo desporto, pela música e por preocupações de natureza social, o que fez com que tivesse podido acompanhar depois o percurso de muitos deles, na vida académica, profissional e familiar. Quando foi anunciada a minha saída, foi por eles organizado um encontro de convívio e foi-me oferecida, como lembrança, uma bonita caneta Cross, que ainda conservo. Fui depois padrinho de alguns deles ou dos seus filhos, em casamentos, baptizados e crismas. De entre os alunos, contam-se professores universitários e de outros graus de ensino, quadros locais em diversificadas áreas e profissionais liberais, cujas vidas foram histórias de sucesso, que a formação oferecida pelo Liceu ajudou certamente a construir.

Um outro momento em que exerci funções docentes no Liceu foi quando a área de jornalismo foi introduzida no ciclo complementar, no final da década de 70 do século passado. Não havendo professores para esta área, lembrou-se o reitor de pedir a minha colaboração. Não podendo assumir a docência sozinho, porque as minhas funções no Governo, como director do Turismo e da Comunicação Social eram demasiado absorventes e tinha sido também eleito deputado à Assembleia Legislativa de Macau, onde presidia às comissões de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias e do Regimento e Mandatos, aceitei, com a concordância do Governador, preparar o lançamento do curso e coordená-lo. Ele funcionou com eficácia e em moldes completamente diferentes das demais disciplinas, com as aulas asseguradas por mim e por um conjunto qualificado de jornalistas e técnicos de comunicação social locais, todos sem auferirem qualquer remuneração. Foi uma experiência assaz gratificante e desse primeiro curso emergiu uma estrela, o futuro jornalista e escritor José Rodrigues dos Santos, jovem cheio de imaginação e capacidade.

Fizemos um jornal impresso, que todos guardam, chamado “Projecto”, porque se tratou de um primeiro e bem conseguido projecto colectivo de futuros profissionais de comunicação. Além disso, foram organizadas visitas a órgãos de comunicação social e deslocações a Hong Kong para conhecerem os estúdios da televisão e a redacção de um dos mais conhecidos jornais da antiga colónia britânica. A autonomia conferida pelo Estatuto Orgânico de Macau, de Fevereiro de 1976, permitiu que, também no sector educativo, se inovasse, para que as metas fixadas fossem alcançadas e, com visão e pragmatismo, as carências, dificuldades e problemas fossem bem resolvidos.

Sempre intimamente ligado à Educação, tive o privilégio de, como membro do Governo, presidente da Fundação Macau ou no âmbito do ensino superior, acompanhar as transformações que se foram operando nas décadas seguintes, até à aprovação da Lei do Sistema Educativo, ao rápido desenvolvimento do ensino superior, à intensa formação de quadros para o futuro de Macau, como região administrativa especial chinesa, e à criação da Escola Portuguesa de Macau, que herdou as experiências educativas do Liceu e do seu sucedâneo que foi o Complexo Escolar de Macau, da Escola Comercial Pedro Nolasco e de algumas outras escolas, entretanto extintas ou reconvertidas, antes e após o estabelecimento da RAEM.



Maria Edith da Silva, *Diretora dos Serviços de Educação e Juventude de Macau, Presidente da Direção da EPM, Presidente do Conselho de Curadores da EPM, membro do Conselho Consultivo da FJA, foi professora de Matemática, Físico-Química, Geografia e Ciências Naturais (1974-1983)*

“SIMPLESMENTE PROFESSORA “

“Os Meus 10 anos no Liceu Nacional Infante D. Henrique”

MACAU

Foi com grande emoção e ansiedade que no dia 3 de janeiro de 1974, voltei a subir os degraus do meu Liceu, desta vez não como aluna, mas como professora do Ensino Secundário na escola onde passei a minha juventude!

Entrei na sala de aula com algum nervosismo, notei que os alunos também estavam nervosos, e logo percebi que não estava sozinha naquela experiência.

Ser uma professora nova pode ser desafiador, especialmente ao lidar com uma carga letiva intensa, responsável por várias disciplinas e ainda a função de diretora de turma. Foi um ano difícil e trabalhoso.

Os primeiros dez anos como professora no Liceu foram uma experiência rica e gratificante. Desde o início, a relação com os colegas mais experientes foi fundamental. Criei laços de amizade e colaboração, o que facilitou a troca de ideias, de experiências, e partilha de práticas pedagógicas, que foi fundamental para ampliação da minha visão e crescimento profissional.

Com os alunos, a interação foi uma parte essencial do meu trabalho. Cada turma trazia as suas particularidades, e estabelecer uma relação de confiança era crucial para a aprendizagem. No entanto, lidar com a resiliência de alguns estudantes, a falta de motivação em certos momentos foi um desafio e o ritmo de aprendizagem de cada aluno, exigiram constante reflexão e ajustes nas minhas práticas. Apesar das dificuldades, os momentos de superação e as conquistas dos alunos sempre foram recompensadores, reforçando a minha paixão pela educação e pela formação dos jovens.

Nestes dez anos, o relacionamento que estabeleci com os meus alunos tornou-se um dos aspetos mais significativos da minha carreira profissional. Desde o início, percebi que o relacionamento pessoal é fundamental para um ambiente de aprendizagem eficaz. Cada aluno é único, com a sua história, desafios, preocupações e aspirações. Ver um aluno florescer, ganhar confiança, é uma recompensa que não tem preço!

Ser professor não é só ensinar conteúdos, é ser mentor, um guia, e muito mais que isso ser AMIGO!

Ao olhar para trás, sou grata por cada momento vivido ao lado dos meus alunos nestes 10 anos. Cada sorriso, cada lágrima, cada desafio superado, cada sucesso conquistado, se tornaram parte

da minha história como professora, numa Jornada Inesquecível no Liceu Nacional Infante D. Henrique de Macau!

A Todos o Meu Sincero Obrigado!



Celina Veiga de Oliveira, licenciada em História (Coimbra), trabalhou em Macau durante duas décadas em funções diversas ligadas à área cultural, foi professora de História (1980-1984)

Há quem acredite que “não há amor como o primeiro” ...

Se esta suposição puder ser transportada para outras situações, posso afirmar que foi amor à primeira vista o que senti quando cheguei, em finais de 1980, ao Liceu Nacional Infante D. Henrique.

Que imagem a memória me traz? Um edifício cinzento, pouco atraente, ao estilo Estado Novo, virado para a linda Baía da Praia Grande. O que justifica a doce memória que preservo? Os anos em que lá leccionei (1980 a 1984), uma boa surpresa para quem tinha acabado de viver, em Lisboa, o ambiente agitado do pós 25 de Abril. No velho Liceu, a vida corria sem grandes perturbações: o silêncio durante as aulas era norma respeitada, o asseio visível, a educação um hábito. Professores, alunos e funcionários formavam uma equipa “vencedora” nesta casa de cultura. E para culminar tudo isto, o que dela se avistava: a imagem maravilhosa dos juncos de velas desfraldadas, percorrendo lentamente as águas do Rio das Pérolas.

Homenagem a António Aresta

Tem lugar no próximo dia 11 de outubro, sexta-feira, pelas 16h00, no Centro Científico e Cultural de Macau, uma homenagem a António Aresta, prestigiada e reconhecida individualidade da cultura, investigador da história cultural de Macau, mestre em filosofia pela Universidade do Porto, professor em Portugal, Macau e Moçambique com extensa obra publicada, colaborador assíduo da imprensa portuguesa de Macau e de publicações culturais em Portugal.



Galardoado em 2018 com o *Prémio de Ensaio da Lusofonia* do Clube Português de Imprensa e Jornal Tribuna de Macau, António Aresta irá receber nesta sessão o *Prémio Identidade* do Instituto Internacional de Macau relativo a 2022.

A homenagem é uma iniciativa conjunta do Instituto Internacional de Macau, Centro Científico e Cultural de Macau e Fundação Casa de Macau, a que se associaram a Fundação Jorge Álvares, a Casa de Macau e a Comissão Asiática da Sociedade de Geografia de Lisboa, cabendo o elogio do homenageado a Ana Cristina Alves, Celina Veiga de Oliveira e José Rocha Diniz.

António Aresta foi o autor do artigo de Opinião da newsletter de setembro da FJA – *Liceu de Macau, 130 anos depois*.



Instituto Internacional de Macau anuncia a atribuição do Prémio Identidade 2023

Celina Veiga de Oliveira e João Guedes são os galardoados com o Prémio Identidade 2023 do Instituto Internacional de Macau.

Iniciativa com vista à preservação e valorização da memória e identidade macaense, o Prémio visa distinguir entidades que, pela sua ação, obra e exemplo, tenham contribuído para o reforço, preservação e valorização da Identidade de Macau.

Celina Veiga de Oliveira, colaboradora da newsletter da FJA, para a qual, entre outros, assinou o artigo de Opinião da newsletter de novembro de 2023 – *Henrique de Senna Fernandes (1923-2010) – Centenário* – é licenciada em História, trabalhou em Macau durante duas décadas como professora de História no Liceu Nacional Infante D. Henrique, e de História de Macau no Instituto Politécnico de Macau, e assessora para a cultura do último governador de Macau, General Vasco Rocha Vieira. É autora de várias obras e artigos sobre temas culturais ligados a Macau e à presença portuguesa no Oriente, entre as quais a co-autoria e apresentação da série televisiva sobre a história de Macau *Arquivos do Entendimento*, e do livro *Macau, uma história Cultural*, cuja segunda edição foi publicada na Coleção Jorge Álvares, editada pela Editorial Inquérito.

João Guedes é ex-jornalista da TDM, reside em Macau desde 1980, e foi protagonista e autor de muitos documentários sobre a história de Macau e a presença portuguesa no Oriente, bem como autor de uma notável obra literária sobre temas de Macau, que o IIM considerou constituírem um acervo incontornável para investigadores e outros interessados.



Novo Podcast “Macau na Bagagem”

A FJA anuncia o novo podcast da jornalista Andreia Sofia Silva, intitulado "Macau na Bagagem", um projeto que visa preservar as memórias e histórias de vida de pessoas que passaram por Macau. Cada episódio explora experiências pessoais e recordações do território, disponível em várias plataformas como Spotify, MixCloud e Soundcloud.

Os episódios estão disponíveis neste link: [Macau na Bagagem no YouTube](#)

Nota: Os conteúdos do podcast são da exclusiva responsabilidade dos seus autores e intervenientes.

Alguns apontamentos sobre o Patuá



Carlos Piteira, Presidente da Casa de Macau de Lisboa

Patuá na Casa de Macau

O Patuá (crioulo macaísta) é, sem dúvida, uma referência estruturante e edificante na construção e manutenção da identidade macaense, razão pela qual a Casa de Macau o coloca como elemento integrante das suas iniciativas.

Sempre que possível criamos espaços para a sua divulgação, são disso exemplo as várias récitas e declamações protagonizadas pelo nosso sócio Joaquim Pereira e do seu Grupo de Patuá em várias festividades da Casa de Macau assim como, as actuações do Duo «A Outra Banda» que incorpora no seu repertório vários temas cantados em Patuá, com os quais têm vindo a animar algumas tardes e eventos na Casa de Macau, isto para além de ser referência obrigatória nas várias tertúlias e conversas dinamizadas em torno da identidade macaense.

Esperamos também que em breve seja constituído um Grupo de Teatro em Patuá com o apoio da Casa de Macau e com a participação dos alunos que frequentaram os cursos de Patuá do Centro Científico e Cultural de Macau sob a coordenação do nosso sócio Joaquim Pereira.

Como nota final não poderíamos deixar de referenciar a vinda do Grupo «*Dóci Pápiçam di Macau*», no próximo dia 9 de Outubro às nossas instalações, para uma única actuação, marcando

simbolicamente a importância do espaço que a Casa de Macau dedica a este elemento aglutinador da nossa identidade.



Joaquim Ng Pereira, Vice-Presidente da Assembleia-Geral da Casa de Macau de Lisboa, vogal do Conselho de Administração da Fundação Casa de Macau *

Patuá em Portugal

O tema de preleção que proponho para reflexão é o patuá. O patuá é considerado pela UNESCO como uma língua minoritária em vias de extinção. É um dialeto macaense de matriz portuguesa originário da Malásia. Ele é pois, o fruto da língua portuguesa, personalizado na sua própria expressão e na sua maneira de ser muito *sui generis*, banhado também pela influência de outros dialetos, da Europa à Ásia, passando por África e Médio Oriente.

A língua é um elemento identificador de um povo, enquanto característica que permite um reconhecimento étnico, que se destaca pela sua singularidade e pela individualidade coletiva. Nesse contexto, o Patuá (ou Patois, Dóci Papiaçam, Língua Maquista, Papiá Kristan entre outros), é um dialeto que identifica os macaenses, nomeadamente naqueles de matriz linguística portuguesa. É nessa vertente cultural que a miscigenação portuguesa e macaense se revela numa fusão intrínseca, abraçada por um relacionamento de cinco séculos, cujas origens se desdobram nos anais da História dos Descobrimentos Portugueses. Declinar, pelo esquecimento, a preservação deste dialeto, é perder a lembrança de quem fomos e duvidar de quem somos. É recusar o potencial de quem podemos ser e qual o nosso papel, pleno da sua propriedade, enquanto pessoas na sociedade e no mundo. O patuá permite assim a elevação da identidade de dois povos, separados por esse mar citado por Camões, unidos pelo idioma e pela *alma mater* de um Portugal que foi grande e que quer continuar a sê-lo. Fernando Pessoa afirmou: “*A minha Pátria é a língua portuguesa*”. É nesse sentido que também a assimilação do português no patuá se revela na própria identidade do macaense.

Enquanto português e macaense, perdurarei na batalha enquanto puder, de preservar o Patuá, elo identitário da comunhão dessas culturas, entusiasmado pela influência das suas raízes biológicas e pela musicalidade dos poemas escritos por Adé.

** Joaquim Ng Pereira é macaense, filho de pai português, transmontano, e mãe chinesa naturalizada macaense. É licenciado em Ciências da Comunicação e Cultura, e mestre em Programação e Gestão Cultural. Desde 2010, tem dedicado a sua atividade na divulgação da cultura macaense. Macau. Tem ministrado aulas de dicção em patuá no Centro Científico e Cultural de Macau (CCCM).*



Miguel Silva, Casa de Macau de Lisboa

O dialecto quase extinto

Nascido em Macau há mais de 5 décadas, de uma família secular macaense, o *patuá* era natural para mim. Era real. Quase material como a humidade de lá. Assim como eram reais e faziam parte do meu dia-a-dia os triciclos. A culinária macaense. A religiosidade.

Filho de uma mãe enfermeira, passei os primeiros 10 anos da minha vida em casa da minha avó Angelina, nascida em 1900. Agora façam um esforço para imaginar como era a realidade macaense no início do século XX! Uma vilazinha pacata, com uma densidade populacional que era tudo menos densa. Viviam-se o “colonialismo”, em que, no seio da comunidade macaense, se rejeitava quase tudo o que era chinês, esse povo colonizado. Isto para dizer que a avó Angelina (bem como seus 17 irmãos, entre os quais o (único?) poeta que escreveu em *patuá*, o Adé), que nasceu e viveu toda a sua longa vida de 92 anos em Macau, não falava chinês. Nadinha mesmo! Ora, o domínio da língua portuguesa também não era muito por aí além, pelo que a comunicação se fazia exclusivamente no dialecto macaense. E assim sucedeu com os seus filhos, meus tios. Esqueçam! O chinês deles continuava paupérrimo!

Lembro-me com saudades da minha avó, da minha mãe, a Queta, dos meus tios que já partiram. Não do *patuá*! Porque? Porque... ainda o falo no meu (quase) dia-a-dia! As comunidades emigrantes tendem a cristalizar a cultura. É minha convicção! Quase uma necessidade acrescida das pessoas, que saem do seu país, de preservar a sua cultura. Vejam as diferentes comunidades macaenses espalhadas por esse mundo fora. Vejam como os chineses mantêm a sua cultura nos diferentes china-towns! Ou os portugueses em terras americanas (e outras).

Devo ser dos poucos que falam, ainda hoje e regularmente, o *patuá*. As minhas chamadas semanais com a minha tia de 92 anos ainda se fazem em *patuá*. As minhas conversas com os meus primos (os mais velhos, claro!, que os mais novos já só falam chinês e inglês, com muita pena minha). Os desabafos que faço com a minha tia Folin, como por exemplo, “*antipática astunga A-mui**, *preguiçosa que mai non pôde. Io fica com vontade de aperta guela dela!*” ou “*mofino astunga vizinho de cima. Non tem fim de faze barulho, dia e noite. Quando io perde paciência sã logo choma policia.*” Ou ainda “*credo, tia Folin, tempo passa qui azinha! Vira olo, já passa unga semana! Abri-fecha olo, torna ta vai pa missa-ia!*”

Comecei por mencionar, no primeiro parágrafo, a língua, a religião, a gastronomia, porque creio serem, entre outros, os principais vectores que caracterizam uma cultura. Faltando um deles, a cultura deixa de existir. A dimensão gastronómica, mais ou menos, vai-se mantendo (é pela boca que se conquista o homem... já alguém dizia.) A dimensão religiosa parece acompanhar a evolução generalizada, com o Homem, acumulando conhecimentos (científicos ou não), a querer tornar-se Deus. Já a língua/dialecto, e concretamente o *patuá*, parece padecer de um mal terminal com um punhado de gente bem intencionada a injectar-lhe oxigénio e paliativos, mas cujo fim é inevitável.

Observando à distância, fico com a clara sensação de que o *patuá* se tornou numas Ruínas de S. Paulo. Uma coisa bonitinha e com piada para mostrar aos “turistas”. Tem havido tentativas, muito meritórias, na sua preservação, sem dúvida. No entanto, pergunto quantas são as pessoas que transmitem o conhecimento aos seus filhos e dialogam com eles em *patuá*? Ou estamos simplesmente a ser turistas e... comediantes?

*A-Mui ainda que a senhora que trabalha cá em casa seja de origem moçambicana...

OPINIÃO



Dóci Papiaçám di Macau, a doce forma de estar em palco

Miguel de Senna Fernandes é natural de Macau, onde fez toda a sua escolaridade primária e secundária. É advogado de profissão. Cultor do Patuá, é co-fundador do grupo Dóci Papiaçám di Macau, autor de todas as peças de teatro e escritas neste crioulo, desde 1993. Guionista dos trabalhos videográficos do grupo. Compositor, líricista e arranjador de todos os trabalhos musicais originais do grupo. Agraciado com o Medalha de Mérito Cultural em 1999 pelo Governo do Território de Macau e com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique em 2005.

Quando os primeiros aplausos e gargalhadas se ouviram no então renovado Teatro D. Pedro V em 1993, longe estava o grupo de imaginar que completaríamos trinta anos de idade. Foi uma noite mágica, com a presença do Dr. Mário Soares, então em visita ao território, com *Olá Pisidenti* (Ver o Presidente), a mini-peça que escrevi em sua homenagem, o meu primeiro guião. Naquela noite de 30 de Outubro, estreou-se formalmente o grupo cujo nome não lembrava o diabo, “Dóci Papiaçám di Macau”.

Se no início era apenas um grupo de carolas, com o arrojo suficiente de estar em palco, sem nunca ter representado, em trinta anos ele evoluiu para algo diversificado, que procurou formas de entretenimento para um público ávido em humor de constante renovação, sem trair a sua veia teatral.

1. Carolice saudosista.

O embrião que deu origem ao grupo, teria nascido em 24 de Abril desse mesmo ano, quando um grupo de amigos do saudoso José “Adé” dos Santos Ferreira, se juntou para o homenagear, numa sessão pública na Casa Garden, dez dias depois do seu falecimento. Aí houve rábula, canções e declamações sentidas da sua poesia. O salão estava apinhado de gente e os aplausos, imensos. Encontrava-me nesse dia entre a assistência e pude constatar que a sessão, que devia ser de consternação, como é habitual haver em Macau, se tornou antes em algo entusiasmante,

onde bem se ouvia a gargalhada e outras manifestações de alegria. Em mim, o impacto foi enorme. A razão só podia ter sido uma: tudo foi em Patuá, a língua acarinhada pelo homenageado, que a usara na sua obra poética.

Talvez porque o humor fosse algo necessário no contexto em que se vivia na altura. Macau preparava-se para recta a final da administração portuguesa, o processo de integração dos seus funcionários nos quadros da República estava em pleno curso e o sentimento de angústia pela incerteza no futuro crescia a ritmo constante na comunidade. Ninguém antevia a continuidade das coisas macaenses para além da transferência de soberania, apesar das repetidas promessas, quer por parte das autoridades portuguesas, quer das chinesas, na manutenção do *status quo*. Mas era uma época em que a seriedade das nossas vidas tinha reclamava um antídoto para que o equilíbrio voltasse. Talvez tivesse sido isso que motivara a que fizéssemos rir uma Comunidade com sentimentos mistos diante de um momento histórico que se avizinhava.

Com o aparecimento de Dóci Papiaçám di Macau, deu-se continuidade de um trabalho de décadas de cultores do *maquista*, sendo o seu expoente máximo Adé dos Sandos Ferreira, o mentor das rábulas macaístas, com o seu distinto sentido de humor brejeiro. O teatro macaísta, ou melhor o Teatro em Patuá, na sua forma tradicional, vai buscar as suas fontes no teatro de revista portuguesa, onde a comédia chacoteira e a sátira aos bons costumes são a tónica principal. O Patuá, usado como a língua do povo, do homem simples, do anónimo, tornou-se aí a voz do ressabiado, contra as injustiças sociais, chamando nomes aos poderosos e aos que normalmente se saem ilesos de situações onde todos são atingidos. O teatro tem papel de nivelador dos desequilíbrios sociais, tão vicentino, a soar a cantiga de escárnio e maldizer. O uso da figura do “bobo da corte” tão frequente em Gil Vicente, é algo também comum no teatro *maquista*, uma vez que a chacota que atinge o alvo com mais legitimidade, quando se começa a fazer troça de nós próprios, gozando com a nossa condição de “bobo”.

Dóci Papiaçám di Macau herdou isso tudo, sem saber nem querer. Se no início era puro divertimento, sem se saber se no ano seguinte teríamos condições para um novo espectáculo, os anos foram passando e a consciência de que tínhamos uma responsabilidade, pelo menos moral, perante a comunidade, ganhava contornos cada vez mais nítidos. Nos primeiros anos, o cunho saudosista e revivalista era marcante, e os temas giravam em torno dos tempos antigos. Ainda que repostassem ao momento contemporâneo, como *Mano Beto Vai Saiong* (1994), o protagonista representava alguém de outrora. “Reviver para sobreviver” foi então o lema.

Com isto, saímos de Macau, representámos em S. Francisco, Estados Unidos da América, em S. Paulo, Brasil. Participámos no Festival internacional do Teatro de Expressão Ibérica (FITEI) de 1996, na cidade do Porto. No dia 30 de Outubro de 1999, precisamente, seis anos depois da nossa estreia, fazíamos uma rábula em homenagem a Jorge Sampaio, então Presidente da República. E no sarau cultural da parte portuguesa, a poucas horas da cerimónia de transferência, o sexteto do grupo cantou “Macau nês-sa téra” em despedida de uma Macau que sempre conhecemos para abraçar um novo capítulo da sua História.

E depois?

2. A regra de quebra-regras. O elemento chinês e a multimédia.

Como disse, o legado deixado ao grupo foi a língua que deveríamos proteger, a *língu di genti antigo* e a comédia do *slapsitck*. Sem embargo, o que fazer, quando a assistência entendedora do

Patuá começar a diminuir a ponto de comprometer a viabilidade de um espectáculo? Como fazê-lo, se ninguém entre nós tinha preparação técnica para ir mais longe? Desde já, enquanto esperávamos por um mestre, íamos fazendo aquilo que sabíamos. Pouco importava, pois nada tínhamos a perder.

Era altura de desvincularmo-nos das “amarras” do tradicional e sermos pragmáticos, como bons macaenses que somos e a quebra de regras foi inevitável.

Em 2000, assistimos a primeira “prevaricação”. Começámos a ter actores chineses nos papéis também chineses, como na peça *Pápi Tá Ferado!*, em que fizemos uma parceria com uma companhia tradicional chinesa Hiu Kok, com resultados francamente positivos. Ao arripio de muito bom e conservador macaense, o cantonês passou a ter presença no nosso teatro e pela primeira vez tivemos legendagem também em chinês. Contudo, a “urticária” sentida pela comunidade mais tradicional tinha alguma razão de ser. “A única coisa que é genuinamente nossa, tem de ser partilhada com outros?!” queixava-se. Todavia, como retratar Macau foi sempre a nossa função, o elemento chinês não podia ser ignorado, sob pena de todos os enredos da comédia macaense fossem compartimentos estanques, *guetizados*, com todas as consequências negativas para a imagem da comunidade. O elemento chinês teria que integrar o novo teatro macaense, agora reinventado por necessidade das circunstâncias. Nunca mais o deixámos, a partir daquele ano. Anos depois iríamos congratularmo-nos com a decisão então feita, como referirei adiante.

Com o sucesso do teatro assim “diferente”, ousámos ir mais além das suas fronteiras. Convenhamos que todos que assistem a um espectáculo de patuá, não o fazem pelo simples amor à cultura e ao vetusto crioulo. Fazem-no pela simples razão de quererem rir, de passar um serão divertido, na companhia dos seus e dos amigos. O entretenimento assim entendido, abriu porta para outras visões e estratégias de actuação.

A introdução da multimedia no teatro, exibindo-se na noite do espectáculo, fotografias manipuladas de personalidades locais em contextos hilariantes, foi uma novidade e bem aceite. Mas isto era apenas prelúdio de algo mais ousado: a videografia.

Em 2006, fizemos o nosso primeiro filme “a sério” parodiando Bin Laden, que teria sido capturado em Macau, onde se refugiara nos labirintos da Guia. Desde esse ano a componente videográfica passou a fazer parte do espectáculo de Patuá, pois até no vídeo, a língua veicular era *maquista*.

3. Nova viragem: sátira no terra-a-terra.

Também em 2006 iniciou-se uma nova era para o grupo. A experiência então conseguida permitiu que afinássemos o nosso tom de sátira aos bons costumes, num contexto especial de Macau, que vivia os primeiros tempos da RAEM. Desde esse ano, não voltámos mais para os temas a resgatar memórias do passado. O momento era o presente e os problemas sociais também. A assistência de então identificava-se melhor com a piada criada nessa época. A peça *Vila Paraíso* desse ano foi abordar então temas como o desmantelamento dos bairros antigos, o novo rico oriundo do Continente, que sem conhecer Macau, compra e dispõe de tudo para satisfazer um apetite por dinheiro fácil e o sentido de pertença. A Região Administrativa Especial inaugurava no ano anterior o primeiro casino após o fim da era do monopólio de jogo e novas expectativas de enriquecimento se criaram, especialmente no sector do imobiliário, alimentando

a ganância de muitos.

Depois vieram outros trabalhos. Parodiámos a Saúde Pública (*Cuza, Dotôr?* - 2007), gastronomia (*Sabroso, nunca?* - 2008), os advogados (*Letrado Chapado* - 2009), com os pandas (*Qui Pandalhada!* - 2011), as eleições legislativas (*Amochai di voto* - 2013), a habitação (*Vivo na úndi?* - 2014). O cunho satírico agudizou-se, e os temas, cada vez mais próximos da realidade do dia a dia. Dóci Papiaçám di Macau passou a ser um verdadeiro arauto do povo, personificando o anónimo ou então a camada social “que tem muito a dizer sobre as coisas aparentam estar bem”.

Com esta viragem de temática, alcançou público nunca imaginado. Chineses começaram a interessar-se nos nossos trabalhos, assim também as autoridades, as quais tendo consciência da sátira, se associavam à gargalhada geral. Temos registos de que até visitantes vindos de Hong Kong, ou do Continente, assistiam aos nossos espectáculos. Dóci Papiaçám di Macau, embora teimando em se situar no campo do amadorismo, no estrito sentido de que a sua actividade não é profissão de ninguém, deixou para trás a ingenuidade de outrora. A consciência do grupo foi dando passos no seu amadurecimento, e deu um decisivo para a frente: somos amadores com espírito profissional, pois fazer rir exige esta alma, e tudo terá que parecer fácil.

A produção videográfica tomou outros rumos. Filmes satíricos como *Panchico, Onçôm, Jaime Bronco* e tantos outros.

O Teatro e a Videografia, duas facetas de um único espectáculo, algo inadmissível para uns, até ridículo para outros, deram não obstante muito a ganhar ao grupo com um crescente público frequentador. Se tudo é “tão mau” porque a assistência está bem presente todos os anos?

Sem embargo, havia ainda algo que ainda não tínhamos então alcançado. Se atentarmos às peças tradicionais do teatro macaísta, verificamos a presença do elemento musical, tão ao estilo da revista portuguesa.

4. A linguagem universal da música no nosso palco.

A sátira ganharia outro tom com música, esta língua, despertadora de sentimentos incontáveis, mas universal na sua comunicação. Efectivamente tínhamos no início uma parte musical nos nossos espectáculos, muito graças aos velhos músicos que também se juntaram a nós no início. Os membros dos *Rockers*, que abrilhantaram festas, *soirés*, chás dançantes, clubes nocturnos nos anos 50-70, fizeram parte da primeira “fornada” dos Dóci. Contudo, a cruel idade tratou de afastar todos destas iniciativas divertidas, e a nova forma de espectáculo que adoptámos tornou cada vez mais difícil o seu cabimento.

O elemento musical “saiu” assim do teatro, para depois regressar só em 2016, com a peça *Unga Chá di sonho*. A tecnologia dos computadores e do *software* de produção musical, abriu-nos portas para um novo campo de criatividade. Começámos a criar música, canções e arranjos originais para o Teatro, que seriam assim executadas em contextos próprios na peça, dando um novo paladar ao espectáculo. Sucederam-lhe outros trabalhos mais recentes como *Lorcha di amor* (2022), *Cha-chau La-lau di Carnaval* (2023), *Unga istrêla já chegâ* (2024). E com isso, novos talentos se descobriram, sendo boa parte deles da camada mais jovem.

Não é ainda o Musical que temos em mente mas seguramente, um teatro e um espectáculo mais abrangente, no que respeita ao entretenimento.

E perguntamos agora, para o quê evoluímos?

5. O Teatro macaísta, uma plataforma polivalente de culturas e de divulgação do Patuá.

Com Dóci Papiaçám di Macau o teatro macaísta foi reinventado. Quebrando regras, levámo-lo para onde ninguém imaginava ser possível, a público que lhe era tradicionalmente alheio. Incluímos elementos que lhe eram estranhos, vagueámos por mares nunca antes navegados. A “revolução” que fizemos teve o condão de colocar a palavra “Patuá” na boca do curioso por coisas macaenses. Com respeito por todos cultores do *maquista* que nos precederam, julgo justo dizer que renovámos o interesse pelo crioulo. Ele passou a ser tema de discussão académica, tese de mestrado e de doutoramento.

Mas é a capacidade inclusão de culturas a mais valia dos Dóci Papiaçám di Macau. O seu teatro ao conquistar o público chinês tornou-se motor importante para o seu reconhecimento como Património Cultural Imaterial Intangível, primeiro da RAEM, depois da República Popular da China. A razão de ser desse reconhecimento é a consideração de que o Teatro é uma plataforma “onde cabem todos”, ou seja, tudo que de cultural pode ser Macau.

O Teatro exprime o que o Patuá é na sua essência, uma fusão harmónica de cultura e de língua, numa terra tão singular que é Macau.

Muito se podia dizer mais o que move Dóci Papiaçám di Macau. Talvez através desta ideia, que é nosso mote: *“Patuá é a alma do grupo e Macau, a sua justificação”*.

IMPrensa



A Fundação Jorge Álvares felicita o jornal diário de Macau HOJE MACAU
pelo seu 23.º aniversário,
celebrado em 05 de setembro de 2024



[CANTÃO |
RESIDENTES
ESTRANGEIROS DE
MACAU
AUTORIZADOS A
CONDUZIR](#)

Fonte: Jornal Hoje
Macau



[SAM HOU FAI
OBSERVA
“MUITAS
EXPECTATIVAS”
DA POPULAÇÃO
PARA UMA
VIDA MELHOR](#)

Fonte: Jornal
Tribuna de
Macau



[EDIÇÃO
COMEMORATIVA
DO 150º
ANIVERSÁRIO DO
CLUBE MILITAR
DE MACAU](#)

Fonte: Jornal
Tribuna de Macau



[OS ESTRANGEIROS,
MACAU E A GRUTA
DE CAMÕES](#)

Fonte: Jornal Tribuna
de Macau



[“HÁ MUITO MAIS
GENTE DO QUE SE
PENSAVA A
TRABALHAR EM
ESTUDOS ASIÁTICOS
EM PORTUGAL”](#)

Fonte: Jornal Ponto
Final



[CHINA | A 100
QUILÓMETROS
DE PEQUIM,
NASCE A MEGA-
METRÓPOLE
PENSADA POR
XI](#)

Fonte: Jornal
Hoje Macau



[MACAU: A
ECONOMIA E
CULTURA
PORTUGUESA AINDA
ESTÃO PRESENTES](#)

Fonte: Jornal das
Comunidades
Lusófonas



[SAM HOU FAI COM
APOIO ESCRITO DE
96% DOS MEMBROS
DA COMISSÃO
ELEITORAL](#)

Fonte: Jornal Ponto
Final



[CHEFE DO
EXECUTIVO |
DISCURSOS INICIAIS
DE SAM HOU FAI
ENQUANTO
PRESIDENTE DO TUI](#)

Fonte: Jornal Hoje
Macau



[CHEFE ANTEVÊ
“MELHORIA
SIGNIFICATIVA” NA
SAÚDE COM HOSPITAL
DAS ILHAS](#)

Fonte: Jornal Tribuna
de Macau



[“MACAU É LÍDER MUNDIAL”,
DIZ RUI MARTINS, VENCEDOR
DO PRÉMIO DE ENGENHARIA
ELETROTÉCNICA DA ORDEM
DOS ENGENHEIROS](#)

Fonte: Jornal Ponto Final



[FLIXBUS VAI LIGAR
PORTO E LISBOA
COM AUTOCARRO
CHINÊS 100%
ELÉTRICO](#)

Fonte: Jornal ECO



[YUM CHA E DIM SUM:
O SABOR DE
GUANGDONG, HONG
KONG E MACAU](#)

Fonte: Diário de
Notícias



[EFEMÉRIDE |
PONTE NOBRE
DE CARVALHO
FAZ 50 ANOS
NO DIA 5 DE
OUTUBRO](#)

Fonte: Hoje
Macau



[ENSINO EM
PORTUGUÊS E
SUBSÍDIOS NO
CENTRO DO
ENCONTRO
ENTRE APIM E
SAM HOU FAI](#)

Fonte: Jornal
Tribuna de
Macau



[AMCM PREVÊ
QUE
PROTÓTIPO DA
PATAÇA
DIGITAL
ESTEJA
PRONTO
AINDA ESTE
ANO](#)

Fonte: Jornal
Ponto Final



[NOVO EDIFÍCIO NA
UPM PERMITIRÁ
ACOLHER MAIS 1.000
ALUNOS](#)

Fonte: Jornal Tribuna
de Macau



[RAEM, 25 ANOS |
HEITOR ROMANA
REVELA PLANOS
PARA EVACUAR
PORTUGUESES](#)

Fonte: Hoje Macau



[“A GRANDE BAÍA É UM PROJECTO INTERESSANTÍSSIMO SE SOUBERMOS APROVEITAR A PRESENÇA PORTUGUESA E DOS MACAENSES”](#)

Fonte: Jornal Ponto Final



[IIM | HISTORIADORES DISTINGUIDOS COM PRÉMIO IDENTIDADE](#)

Fonte: Jornal Hoje Macau



[SAM HOU FAI FOCADO EM “OPTIMIZAR” GOVERNAÇÃO, ECONOMIA E SEGURANÇA NACIONAL](#)

Fonte: Jornal Tribuna de Macau



[CHINA ISENTA DE VISTO CIDADÃOS PORTUGUESES EM ESTADAS ATÉ 15 DIAS](#)

Fonte: Jornal Público

Fundação Jorge Álvares

Rua Castilho, 39 (Edif. Castil) - 11º Andar - Letra I, 1250-068 Lisboa

Portugal

Está a receber este email porque faz parte dos nossos contactos

[Cancelar subscrição](#)